

Mais Ionesco que Rezek

“O julgamento de hoje no TSE não é só histórico, mas capaz de eliminar a histeria da campanha. De certo modo, a campanha eleitoral, até a entrada de Sílvio Santos, vinha sendo agitada somente nos estúdios de TV e nas ruas de Niterói. Nenhum incidente mais grave se interpôs numa jornada que deveria conter o trágico lastro da primeira luta aberta pelo poder brasileiro em 29 anos. Todavia, mesmo com a ira de um Caiado, a agressividade de um Brizola e a impulsividade de um Collor, a campanha se conteve até aqui num formato de inesperada civilidade. Nenhum atentado, nenhuma vítima, nenhum escândalo, Lubeca à parte, já que se trata aqui de profissionais e não de amadores que atuam abaixo da cota de NCz\$ 1 milhão.

Mas toda esta morna temporada de carretas, hinos ao “velhinho”, e horário gratuito amorfo, viu-se de repente violentada pela esquadra paraense de Armando Corrêa, do som dos auditórios domingueiros e da figura do deputado José Felinto. Invadiram todos nossas salas sem pedir licença, para lá dentro implantarem o empresário Sílvio Santos. Este, que possui seus méritos, parecia — e ainda parece — nada ter a ver com semelhante parafernália de emulações regionais, desejos locais e sonhos federais. Foram tirá-lo do sossego de seus programas, apenas para infernizar a ética do candidato Aureliano Chaves.

Sílvio até poderá ser candidato homologado, e ganhar a eleição, passando ao segundo turno, mas carregará consigo os dramas imperiosos e as dúvidas subjacentes ao episódio mais mal-explicado da história política do Brasil moderno. Sua eventual vitória poderá ser a de um Pirro, pois ele próprio correrá o risco de se tornar o primeiro presidente abandonado pela sociedade antes mesmo de empossado. Um Sarney às avessas. A decisão de hoje do TSE, entretanto, não deverá ser levada à conta do restabelecimento da moralidade dos fatos. O que se fez já emporcalhou a eleição. Não se debate mais agora a entrada ou a saída do candidato, e sim os efeitos de seu albergamento na sala-de-estar dos eleitores. Nenhum país do mundo conseguirá nos creditar um avanço democrático por ter candidato eleito sem nome na cédula eleitoral. O surrealismo da situação merece interpretação de um Ionesco, menos talvez de um Rezek. Se for homologado hoje, competir e ganhar, bom para a democracia, que permite chances iguais na lei, mas será ótimo para os prestidigitadores em seu propósito de forjar estes dias históricos.

Hoje à tardinha tudo pode acontecer, sendo a tendência de desaprovação do registro da candidatura. Mas Sílvio Santos ainda poderá recorrer, e tentar sua eleição mesmo em situação de julgamento. Será novamente um momento tragicômico num país provisório, numa estrutura constitucional em perigo.